

---

## A EDUCAÇÃO FÍSICA NUM TRÍPLICE CENÁRIO: CIENTÍFICO, SOCIAL E EXISTENCIAL

Vou começar com uma pergunta: O que você entende quando diz ou ouve dizer, Educação Física?

Vou dar a minha resposta por que será o eixo sobre o qual vai girar a minha fala. Quero antecipar que a minha resposta não pretende dizer o que é a educação física, mas simplesmente revelar a minha compreensão. Entendo a educação física como a atividade pedagógica que se confunde com a arte ou a poética de viver. Com isto não estou dizendo que a atual educação física corresponda a essa minha compreensão, e, para não deixar dúvidas e permitir o posicionamento do ouvinte, peço desculpas para quem pensa diferente, mas vejo a educação física atual bastante diferente da arte ou sabedoria de viver. E, também não pretendo convencer ninguém para mudar, pois as mudanças de idéias ou de atitudes não nascem de novos conhecimentos que adquirimos, mas de uma atitude emocional. E Clarice Lispector recomenda: “Mude, mas mude devagar, porque a direção é mais importante do que a velocidade”. De fato, se os conhecimentos tivessem a força de mudar as pessoas certamente haveria menos fumantes, menos drogados, mais justiça, mais igualdade, mais paz, etc.

Foi em nome desta minha compreensão de educação física, que elaborei estas minhas reflexões e que agora vou apresentar a vocês, com a intenção de promover e aumentar a consciência sobre a importância da educação física, entretanto, as características desta importância dependem de nossas opções que resultam de nossas decisões, cuja inspiração está enraizada numa emoção.

A educação física, como qualquer outra atividade atual, não pode deixar de considerar o saber sobre o qual se fundamenta, de reconhecer seu compromisso social e de avaliar seu significado para os indivíduos. Diante disto, para apresentar a educação física como arte de viver, escolhi, o que não deixa de ser uma escolha emocional, um caminho que me levou a um tríplice cenário. O cenário organizado pelas ciências, o cenário que foi montado pela ordem social e o cenário que se desenrola na existência de cada um de nós.

### **1. - O Cenário científico.**

A idéia de científico, aqui, se refere apenas ao domínio das ciências modernas, especialmente as empíricas, portanto a partir do século XVII. As ciências modernas, mais identificadas com as ciências empíricas, formataram um cenário muito bem definido, em substituição ao cenário medieval construído pelos saberes filo-teológicos.

Inicialmente surge um modelo de produção do conhecimento, (sistema produtivo), posteriormente se fala em construção de conhecimentos (teoria construtivista.)

No interior da educação física e das outras atividades precisamos pensar cientificamente. O modo como nos tornamos propensos (pela educação e pela cultura) a pensar é que vai determinar as práticas no dia-a-dia, tanto no plano individual quanto social.

O modelo das ciências é um modelo mental linear. Vamos ver alguns procedimentos ou regras desse modelo. Em primeiro lugar, A só pode ser igual a A. Tudo o que não se ajustar a essa dinâmica fica excluído. É a lógica do “ou/ou”, que deixa de lado o “e/e”, isto é, exclui a complementaridade e a diversidade.

Em segundo lugar, essa lógica levou à idéia de que se B vem depois de A com alguma frequência, B é sempre o efeito, e A é sempre a causa (causalidade simples). Na prática, essa posição gerou a crença (errônea) de que entre causas e efeitos existe sempre uma contigüidade ou uma proximidade muito estreita. Essa concepção é responsável pelo imediatismo, que dificulta e muitas vezes impede a compreensão de fenômenos complexos, como os de natureza bio-psico-social.

Em terceiro lugar, o modelo mental cartesiano é indispensável para resolver os problemas humanos mecânicos (abordáveis pelas ciências ditas exatas e pela tecnologia). Mas é insuficiente para resolver problemas humanos em que participam emoções e sentimentos (a dimensão psico-social). Um exemplo: o raciocínio linear aumenta a produtividade industrial por meio da automação, mas não consegue resolver o problema do desemprego e da exclusão social por ela gerados, porque se trata de questões não-lineares. O mundo financeiro é apenas mecânico, mas o universo da economia é mecânico e humano.

Desde os primeiros dias de escola (e de vida, dentro da cultura), nosso cérebro começa a ser profundamente formatado pelo modelo linear. Para ele, o predomínio de um determinado pensamento, com exclusão de quaisquer outros é “lógico” e perfeitamente “natural”. Essa é a base das ideologias em geral e do autoritarismo em particular. Desse modo, fenômenos, como a exclusão social, são também vistos como “lógicos” e “inevitáveis”.

O modelo mental linear-cartesiano forma a base do empirismo, cujo ponto de partida é a proclamação de que existe uma única realidade, e que deve ser percebida da mesma forma por todos os homens. Hoje, porém, há uma forte discussão sobre a realidade. Sobre esse tema Bruno Latour escreveu o livro, *A Esperança de Pandora*. O primeiro capítulo intitulado, Você acredita na realidade? Notícias das trincheiras das guerras na Ciência, trata exatamente desta questão com um cientista brasileiro.

O racional é o resultado de nossas percepções, que começam com os sentimentos e emoções, depois se constituem em pensamentos até chegar aos conceitos ou fórmulas.

A cultura é uma rede de conversações, um sistema de valores ou de significados das coisas. Crescemos numa cultura como indivíduos que participam desta rede de conversações.

O discurso científico ou racional foi proposto como uma conversação universal. Através dele seria possível construir o entendimento de todos os povos, e, com isso, garantir a unidade e uma convivência harmoniosa. A sua garantia e legitimidade seria a verdade objetiva veiculada pelo conhecimento científico.

Entretanto, o discurso científico é apenas um modelo de discurso, de conversação ou de pensamento. Isto porque os saberes humanos não se esgotam nos conhecimentos empírico/analíticos e nem o pensamento humano se confunde com o pensamento racional. Existem outros discursos que acontecem fora dos limites das ciências. Existem conhecimentos que vão além dos experimentos, e existem maneiras de pensar que surgem fora da razão.

Vamos tomar um exemplo muito simples e ao alcance de todos sem precisar de grandes esforços, pois ele faz parte do dia-a-dia de cada um. Trata-se do discurso sobre o tabaco e o tabagismo. Pergunto: Se fôssemos classificar todas as conversações que se faz sobre o tabaco, quantos discursos seria possível identificar?

Pode-se começar pelo discurso científico. O que as ciências nos dizem que é o tabaco. Que tipo de vegetal. A genética do fumo. As técnicas de cultivo, os insumos, o solo, etc. Os efeitos sobre o organismo humano, os componentes cancerígenos. A própria ciência fornece os dados para as ciências da saúde.

O discurso dos empresários do tabaco, a visão do lucro e da economia. Mais, o discurso dos fumicultores, meio de subsistência e de lucros. Além dos discursos dos consumidores e o discurso

governamental.

A educação física ao se proclamar ciência busca o modelo das ciências empíricas. As ciências empíricas, naturais ou exatas começam com Galileu (1564-1642). Ele, todos sabem, é considerado o pai da ciência moderna. O saber não está nas pessoas, como defendia Platão, nem nos livros sagrados como enquanto revelação divina. A ciência está no universo. Ele é o livro da ciência, do saber. Ao homem cabe decifrá-lo, formulando as leis aí existentes. Galileu considera objetivas as propriedades geométrico-mecânicas. O princípio racional é matemático: é físico-matemática, mecânica.

Vou me ater ao que aconteceu à Educação Física depois da elaboração da cientificidade moderna calcada sobre as dimensões mensuráveis dos objetos ou da realidade física. Portanto, fica claro que três ciências marcaram e marcam profundamente o conhecimento científico que fundamenta os currículos da educação física, a saber: a física, a biologia e a química.

**A física** é o primeiro modelo de ciência moderna, adotado por todas as ciências, inclusive as humanas. Caso a definição auxilie, aqui lembro uma: “Física (1708), ciência que estuda as propriedades gerais da matéria e estabelece as leis que dão conta dos fenômenos naturais”. Aqui, acredito ser fundamental destacar três elementos: a matemática como linguagem, a geometria, como forma representativa e o movimento dos corpos como a dinâmica das relações físicas. Com isso as figuras geométricas se tornam indispensáveis e os cálculos matemáticos descrevem as relações entre os traços ou linhas das figuras geométricas que representam o movimento dos corpos celestes. Acredito que para comprovar isso seria suficiente lembrar a grande obra de Galileu Galilei, o *Diálogo sopra i due massimi sistemi del mondo* (Diálogo sobre os dois grandes sistemas do mundo). Nele, para quem leu, sabe que as figuras geométricas, os cálculos e as medidas são a base de todo o raciocínio para descrever, fundamentar e explicar o Heliocentrismo. O objeto é o movimento dos corpos celestes e não a composição interna dos corpos. Não a composição dos corpos. Se tivesse se preocupado com isso teria, certamente, percebido que o corpo humano é vivo, portanto, diferente dos corpos não vivos.

**A biologia** surge como a segunda ciência que busca explicar o corpo vivo, em particular o corpo humano. Uma definição, talvez, oferecer algum apoio. Foi elaborada no início do século XIX. Biologia (1802), Ciência que tem como objeto de estudo os fenômenos comuns a todos os seres vivos, animais e vegetais.

Um dos esforços decisivos para retirar o corpo humano do monopólio da física foi feito por Vesale. Ele quis demonstrar que a vida é fundamental para a compreensão do corpo humano. Deve-se estudar, dizia ele, o corpo vivo, não o cadáver. Aqui seria possível introduzir a longa e tumultuada história das anatomias que começa desde os tempos primitivos, embora com finalidades totalmente diversas.

A biologia trouxe para a educação física um outro referencial de estudo do corpo humano, embora ainda muito submisso à física. Acredito não cometer um grave erro se disser que a primeira contribuição substancial estaria na Biomecânica. Entretanto, em meu livrinho, *A biomecânica entre a vida e máquina*, eu pergunto quanto há nela de bio (vida) e quanto de mecânica (máquina).

Com os grandes avanços da biologia molecular na área da genética e da engenharia genética, a biologia, certamente, está revolucionando as bases científicas da educação física, especialmente no que se refere às práticas esportivas e à construção - ou seria geração? - de atletas. Mas, também, poderá ser importante para acompanhar o crescimento equilibrado das pessoas, o desenvolvimento da massa física óssea e muscular, a manutenção de uma vida saudável e a influência do meio ambiente.

**A química**, embora herdeira da alquimia, no meu entender, completa o tripé de sustentação científica da educação física atual. E para não mudar de procedimento aqui está uma definição. Química é a ciência que estuda a constituição dos diversos corpos, de suas transformações e de suas propriedades.

A bioquímica poderia ser a correspondente da biomecânica como a parcela da química a entrar na educação física. Não pretendo afirmar categoricamente, mas me parece que, ainda, não encontrou um espaço significativo nos currículos. Ousaria dizer, talvez, sem razão, que a química e a bioquímica marcam uma presença maior através do uso de drogas químicas, sejam lícitas ou ilícitas. Seria uma heresia afirmar que a educação física assumiu o constrangimento de ter que se alinhar na luta contra o doping mais do que valer-se delas para garantir sua cientificidade?

### **Outros caminhos científicos**

Hoje, sem dúvida, abre-se um imenso campo de investigação para a educação física na área da biologia, especialmente através da biologia molecular, da engenharia genética e das neurociências.

Nelas encontramos uma nova visão da estrutura dos seres vivos. A idéia de autopoiese, isto é, auto-construção, auto-organização. Todo ser vivo é um sistema autoreferido, o que significa dizer que ele possui em si mesmo o princípio de seu próprio desenvolvimento, não necessita de uma ação externa.

A organização de um sistema vivo acontece graças a um programa comunicacional. Edgar Morin afirma “que a reprodução pode ser concebida como uma cópia de uma mensagem, quer dizer uma emissão-recepção entrando no quadro da teoria da comunicação. O mesmo processo pode ser verificado no funcionamento da célula, onde o ADN constitui uma espécie de programa orientando e governando as atividades metabólicas”. (Introdução ao Pensamento Complexo p. 31)

Há num processo de comunicação um elemento complicador, o ruído, isto é, algo que dificulta, desvirtua ou impede a recepção da mensagem. Por exemplo, a acupuntura trabalha muito com esta percepção.

A compreensão da dinâmica de um sistema vivo, baseada na teoria da comunicação, provoca uma reviravolta nos fundamentos da fisiologia e da biomecânica do exercício baseados nas teorias da física.

É neste contexto que entra o paradigma da complexidade. E isto é simples de verificar, talvez, muito difícil de descrever, isto porque os biólogos nos dizem que há bilhões de moléculas numa célula, que o cérebro humano é composto de 10 bilhões de células, e no organismo há 30 bilhões. E todos esses elementos agem e interagem constantemente.

O pensamento complexo permite entender os processos autopoieticos (auto-construtores, auto-sustentadores, auto-gestionários), dos quais todos os seres vivos, humanos ou não, se constituem como exemplos.

O pensamento complexo baseia-se na obra de vários autores, cujos trabalhos vêm tendo ampla aplicação em biologia, sociologia, antropologia social e desenvolvimento sustentado. Uma de suas principais linhas é a biologia da cognição, de Maturana, que sustenta que a realidade é percebida por um dado indivíduo segundo a estrutura (a configuração bio-psico-social) de seu organismo num dado momento. Essa estrutura muda constantemente de acordo com a interação do organismo com o meio.

Primeira grande consequência para a educação física: a compreensão da estrutura do corpo humano passa das teorias da física para a teoria da comunicação.

Ciências como a bioética e a ecologia tornam-se fundamentais. A bioética é fundamental para

tratar a vida. Em princípio ela se referia aos procedimentos médicos e científicos na intervenção dos seres vivos. Os países mais desenvolvidos centram suas pesquisas e preocupações nesta direção. Já nos países periféricos, a bioética é estendida também a outras questões como, a exclusão social e os direitos à vida de qualidade.

A ecologia. Todo ser vivo é um eco-sistema que pertence a outros eco-sistemas. O eco-sistema da natureza e o eco-sistema da cultura ou social. É preciso respeitar a dinâmica da vida. As plásticas podem alterar o sistema de relações com os órgãos internos. É o que nos dizem os acupunturistas. Uma curiosidade: Acupuntura denominação de tratamento médico, de origem chinesa muito remota, sem base científica, que consiste em picar com agulhas “magnéticas” uma sucessão de pontos da pele que constituem as “linhas de força vital. (Definição de dicionário). Interessante observar a expressão: “sem base científica”.

Esta mentalidade científicista consegue sobreviver apesar de muitos casos que a colocam em questão juntamente com os cientistas. O Livro de Jean-Pierre Lentin, Penso, logo me engano – breve história do besteirol científico. Ou o de Michel Pracontal, A Impostura Científica em Dez Lições. E mais recentemente o caso de Jean Hendrik Schoen que está sendo processado por falsificar ou inventar dados de pesquisa, podendo perder o título de doutor, obtido pela universidade de Constança na Alemanha. Seu trabalho sobre células solares, hoje, polêmico, mas muito festejado tanto que foi cogitado para o Prêmio Nobel de Física. Os seus artigos eram disputados pelas mais conceituadas revistas científicas como Science e Nature.

Tudo o que foi dito até aqui leva a educação física a se perguntar por qual cientificidade ou modelo de ciência ela vai se pautar. Uma vez dada a resposta assume um duplo compromisso: com a sociedade e com o indivíduo.

## **2. - O cenário social**

Inicialmente é bom lembrar que a escolha do modelo de ciência, seja qual for, resulta de uma decisão emocional. Assim a inserção da Educação Física na cientificidade é uma opção de ordem emocional, segundo esta tese de Humberto Maturana: “Todo sistema racional se constitui no operar com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção” (Emoções e Linguagem na Educação e na Cultura p.16). Ou, “As premissas fundamentais de todo sistema racional são não-racionais, são noções, relações, distinções, elementos, verdades, ...que aceitamos a priori porque nos agradam, Quer dizer, todo sistema racional tem um fundamento emocional” (idem p. 52). “As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos”.(idem p.15)

Todo ser humano, desde os primeiros dias de vida, passa por um processo de adaptação ao meio cultural vigente. Segundo diz Vigarello, o corpo é o primeiro a sentir a ação do adulto. Aos poucos o nosso cérebro, especialmente ao chegar à escola, começa a ser profundamente formatado pelo modelo vigente de pensar, de racionar e de ver o mundo. O predomínio de um determinado pensamento, com exclusão de quaisquer outros é aceito como “lógico” e perfeitamente “natural”. Essa é a base das ideologias em geral e do autoritarismo em particular. Tudo o que não tem base científica é suspeito. Desse modo, fenômenos, como a exclusão social, são também vistos como “lógicos” e “inevitáveis”.

A cultura é uma rede de conversações, um sistema de valores ou de significados das coisas. Crescemos numa cultura como indivíduos que participam desta rede de conversações.

A educação física entra nesta rede de conversações vigentes na sociedade. O primeiro passo para ser aceita é apresentar-se como uma atividade científica. Esta credencial é adquirida através de

um diploma acadêmico. Simplificando, hoje, temos dois diplomas o de bacharel e o de licenciatura. O primeiro forma o profissional para atividades extra-escolares. O segundo forma o professor, eu diria o educador, para trabalhar em escolas.

Agora a questão central: O domínio sobre os conhecimentos científicos e das técnicas de intervenção é suficiente para garantir a inserção social da educação física e determinar o compromisso social do professor ou do profissional? A minha resposta é negativa. Se a rede de conversações da ordem social fosse reduzida ao discurso científico e técnico, certamente poderíamos dizer que sim. Entretanto as redes de conversação da sociedade são múltiplas.

Até pouco tempo a educação física tinha sua participação na sociedade através da escola, tanto que se chama de educação física, por isso e em princípio, seu discurso era pedagógico. No meu tempo de escola se falava em ginástica. Qual era o seu conteúdo? Apenas exercícios físicos ou ginásticos. Depois entrou o esporte.

O esporte é, atualmente, a grande porta de entrada da educação física na sociedade. Seja na escola, seja na sociedade. A educação física, no meu entender, precisa entrar na complexidade do fenômeno esporte. Ou será que há professores e profissionais da educação física que acham que é suficiente desenvolver a prática esportiva. Numa palavra, formar atletas.

Não é preciso lembrar a presença planetária dos esportes. Na forma de eventos, de competições de toda ordem. Ah sim a questão da competição e do rendimento. Maturana: “A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro”, (Maturana, Emoções ... p.13)

Acredito ser oportuno lembrar aqui uma constatação de Blaise Pascal (1623-1662) filósofo, místico, gênio da matemática e inventor da máquina de calcular, que ao perceber o grande conflito que abalou e abala a modernidade, entre dois princípios que ele denominou de Espírito de Geometria (Sprit de Géométrie) e Espírito de Fineza ou Gentileza (sprit de finesse)> O espírito de geometria representa a razão calculadora, instrumental-analítica que se ocupa com as coisas, é a ciência moderna que com seu poder mudou a face da Terra. O espírito de fineza é a lógica do coração que tem a ver com as pessoas e as relações sociais, nela reside o sentido da vida e a qualidade das relações humanas.

Como a nossa sociedade é dominada pelo espírito de geometria acabamos por sofrer uma série de violações e de explorações. Temos uma política insensível, uma economia centralizadora, uma educação cognitivista.

Por exemplo, no meu entender, seria indispensável a leitura da obra de Vyv Simson e Andrew Jennings: Os senhores dos Anéis. O subtítulo diz: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas. Num pequeno extrato se lê: “as Olimpíadas modernas são o brinquedo predileto de mais de vinte empresas multinacionais, que pagam centenas de milhares de dólares em patrocínio, fazendo vista grossa para o doping e a ambição desmedida de líderes oportunistas como Juan Saramach, João Havelange e Primo Nebiolo. Poderia acrescentar muitas outras obras, mas lembraria apenas duas, Elementos de sociologia do esporte de Pierre Parlebas, e Sociologia Política do esporte de Jean-Marie Brohm. Nelas encontramos uma compreensão para além das linhas do esporte. Seria possível descobrir a presença do poder político, do poder econômico, do encobrimento de recursos de drogas químicas, lícitas ou ilícitas, das ilusões e mistificações de liberação do corpo, da manipulação das massas, etc.

Com isso é possível descobrir que a ordem social é uma realidade que precisa ser conhecida. Sem esse conhecimento dificilmente o profissional ou o professor de educação física conseguirá atuar como um cidadão consciente.

A educação física não pode lutar apenas para construir um discurso científico próprio, mas também sociológico, histórico, filosófico, cultural, etc. Em termos gerais poderíamos dizer que o discurso próprio da educação física ou a sua conversação com a sociedade poderia começar pelo diálogo entre o espírito de geometria e o espírito de fineza. Assim, penso eu, seria possível garantir uma cora inserção da educação física na ordem social. A conversação científica precisa ser acompanhada de outras conversações.

Talvez, essa tarefa possa começar pela escuta das pessoas, que na minha palestra é o próximo e último ponto.

### **3. O cenário existencial**

Ao falar do cenário existencial, não estou me referindo aos outros, pelo contrário, falo de mim mesmo. Aqui preciso fazer-me uma pergunta: quem define o meu cenário existencial? Explicando melhor, quem define o que eu sou ou quero ser, o que faço ou poço fazer, o que penso, o que digo? As idéias que defendo, as atitudes que assumo, as escolhas que faço, as decisões que tomo posso afirmar que são realmente minhas? Resumindo, quem traça os caminhos da minha vida?

A definição da vida pessoal é marcado, desde o início, pelo desejo de identidade, o que significa dizer, ser alguém, ser um eu. A própria evolução biológica parece garantir a identidade de cada indivíduo dentro da espécie, Nenhum ser vivo é idêntico ao outro. Jean Bernard nos lembra que nada se parece com um rato, senão outro rato, mas assim que for enxertado um fragmento de pele de um deles no outro gangrena em poucas horas.(Da Biologia à Ética. P. 155) Maturana, por sua vez, afirma que a ontogenia de um ser vivo é a história da conservação de sua identidade através de sua autopoiese continuada no espaço físico. (De Máquinas e Seres vivos p. 92).

No passado a identidade estava vinculada à personalidade de cada pessoa, ao seu caráter. Hoje, a biologia genética e a neurobiologia vinculam a nossa identidade ao ADN e ao sistema nervoso central. A consciência parece, cada vez mais, ser identificada como uma função neural. Lembrar de António Damásio: O Erro de Descartes, o fato de Phineas P. Gage p. 23 ss.).

A vida nos dá uma identidade, mas nem sempre nós a aceitamos na plenitude, alguns ou muitos preferem assumir a identidade que a sociedade nos oferece ou nos impõe. Por exemplo, no sistema produtivo, a nossa identidade está diretamente ligada à função, ao trabalho ou ao ganho. Nós optamos ou aceitamos os valores, as características de nossa identidade. É interessante lembrar o que Saint-Exupéry deixou escrito no Pequeno Príncipe: “Se dizemos às pessoas grandes: “Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado ...” elas não conseguem, de modo nenhum, fazer uma idéia da casa. É preciso dizer-lhes: “Vi uma casa de seiscentos contos”. Então elas exclamam que beleza!”.

Como eu estou cultivando ou construindo minha identidade. Palavras chaves que acompanham as explicações do ser humano como consciência, razão, mente, espírito, alma ou corpo que lugar recebem na minha identidade. Esse tema nos obriga a uma reflexão pessoal profunda e contínua, tarefa de cada um, mas aqui preciso ficar nos limites do que a educação física pode ou deve fazer.

Qual o papel da educação física na minha vida. A história da educação física nos mostra que o seu papel na vida das pessoas foi preocupar-se com atividades físicas. Esse papel sempre foi subalterno ao projeto educacional que tinha como função primeira o desenvolvimento das faculdades cognitivas e de uma consciência moral. Hoje foi reduzida à transmissão de conteúdos cognitivos,

através de um processo de ensino aprendizagem. Neste contexto a educação física cumpria a função de disciplinar o corpo, mantê-lo saudável, dócil e sob controle. Assim garantiria um corpo sã para um bom desempenho intelectual e um domínio sobre seus instintos perversos.

O cenário sócio-cultural, hoje, está muito marcado pela idéia de corpo, pela presença do corpo. Há uma exaltação do corpo. Jean-Marie Brohm tem um longo estudo sobre a sublimação e dessublimação do corpo em seu livro *Uma sociologia política do esporte*. Segundo ele o corpo é libertado para sofrer outro tipo de escravidão. A escravidão da opressão do rendimento e a das formas estéticas.

Assim tudo continua sem mudanças. O corpo permanece em seu lugar de instrumento, de utensílio. Aprende-se a usar o corpo. A valorização do corpo como um valor em si mesmo somente acontecerá quando o ponto de partida for determinado pela vida que está ou que se manifesta ou se desenvolve no corpo de cada pessoa.

O primeiro gesto se expressa no amor e respeito para consigo mesmo, isto é, pela vida que se confunde com a corporeidade. Cultivar a si mesmo significa cultivar o corpo, que não é apenas matéria, mas é ao mesmo, segundo o pensamento de Merleau-Ponty, raciocinante, pensante, consciente e espiritual. Em duas palavras o corpo é a totalidade do ser humano.

Na infância toda criança vive o momento em que se estabelecem as condições e as possibilidades de converter-se num ser capaz de aceitar-se e respeitar-se, e, a partir desta aceitação e respeito de si mesmo, ela vive o amor de si mesma. E quando ama a si mesma, ela se dá conta de que sua corporeidade a constitui, e que o corpo, em lugar de limitá-la, ao contrário, é assumido como fonte de todas as suas possibilidades. Infelizmente, hoje, se acentua a visão dos limites do corpo. Quando insistimos nos limites, fica muito mais difícil amar e respeitar o corpo.

Quem ama e respeita o corpo se preocupa em escutar sua fala e sentir sua vida. Sobre o corpo falante já se escreveu bastante. Em geral se traçam as linhas gerais de uma língua corporal universal, mas o importante é descobrir qual é a fala do meu corpo. Uma fala que só eu posso ouvir, sendo ao mesmo tempo falante e ouvinte. Os outros serão apenas ouvintes da fala do meu corpo. Qual é a linguagem do corpo? O corpo fala a linguagem da emoção, da paixão, do sentimento e, por incrível que pareça, também, a linguagem da razão. A razão, o pensamento, a consciência, o espírito fazem parte da corporeidade humana. A fala mais poderosa do corpo expressa a força das necessidades vitais, dos desejos e, particularmente, da presença. O corpo diz sempre, e sem dizer, estou aqui. E esta presença, como diz E. Levinas, é de um corpo-rostão.

Acontece que todas essas manifestações do corpo nós não nos habituamos a senti-las imediatamente no corpo, aprendemos desconfiar dos nossos sentidos, precisamos de um intermediário, por isso preferimos confiar no olhar do outro e nos instrumentos usados para nos analisar e interpretar. O saber de quem está dentro, julgamos que está contaminado, comprometido e viciado. Só o que vem de fora merece credibilidade. Mas Maturana nos alerta: "temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nosso agir conosco mesmo, em nossas relações com os outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado.

Na medida que optamos pelo conhecimento científico como o guia de nossas ações, acabamos descobrindo com Paul Ricoeur que a ciência e a tecnologia transformaram a todos nós em trabalhadores e consumidores. O professor, talvez, não deverá fazer exceção já que foi reduzido a um mero transmissor de conhecimentos.

Não se trata de substituir um pelo outro, mas de harmonizá-los, isto é, conjugá-los. Amor e conhecimento estão enraizados no ser humano. A socióloga Agnes Seller, em seus estudos, concluiu que somos portadores de dois blocos de necessidades. De um lado, temos as necessidades de poder, de dinheiro, de consumismo, de acumulação de coisas, que ela classifica como sendo de tipo

alienado, por buscar um valor fora de nós mesmos. São necessidades quantitativas que nunca são plenamente satisfeitas. Não há limites objetivos. De outro lado estão as necessidades que tem a ver com as raízes do ser humano. São necessidades qualitativas: trata-se das necessidades de introspecção, de amizade, de amor, de brincadeira, de convivência”. Essas necessidades dizem respeito à própria pessoa, a sua vida, ao seu bem-estar.

Vou repetir o que já disse acima: O modelo mental cartesiano é indispensável para resolver os problemas humanos mecânicos (abordáveis pelas ciências ditas exatas e pela tecnologia). Mas é insuficiente para resolver problemas humanos em que participam emoções e sentimentos (a dimensão psico-social). Um exemplo Prático para a educação física, o conhecimento científico que fundamentam as técnicas do exercício garantem uma maior desempenho atlético, mas não conseguem dar conta das questões afetivas, emocionais e sociais. O desempenho atlético tem como objetivo o aumento de rendimento em função de uma vitória, de um pódio, de uma faixa ou de uma medalha. O bem-estar pessoal fica em segundo plano, talvez, nem tanto.

Neste mesmo sentido é interessante lembrar Einstein ao nos lembrar que o conhecimento não pode ser só racional, este outro tipo de conhecimento ele o expressa pelo termo, Fingerspitzengefühl. É o conhecimento que surge pelo sentir da ponta dos dedos. Mais que um conhecimento é um sentimento, cujo significado vem de sentir.

O sentir tem sua etimologia no termo grego Aisthesis, que nós traduzimos por estética, mas cujo significado primeiro é sensibilidade, donde surge a ética da estética ou a ética da sensibilidade.

## **CONCLUSÃO**

Este discurso, tenho plena consciência, é visto como utópico, até, por alguns, ilusório, mas é o caminho que nos leva ao reencontro de nós mesmos e dos outros como pessoas. Talvez, nos sensibilize este provérbio espanhol, que Domenico Demasi colocou na abertura de seu computador, El ombre que trabaja pierde un tiempo precioso. (Lazer Numa Sociedade Globalizada p. 136.) O trabalho nos ensina usar o corpo. O trabalho coloca em primeiro plano as necessidades alienantes, segundo a classificação de Agnes Seller.

Para concluir, eu ousou dizer que o grande desafio da educação física é promover a eco-alfabetização corporal, não para substituir a educação cognitiva, mas para completar a educação do ser humano. E isto está cada vez mais claro pelas informações das neurociências O pensamento, a consciência, as emoções, o amor, a mente, o eu são manifestações do sistema nervoso central, responsável pelo nosso viver. Seu fundamento, portanto, é biológico, o que não é sinônimo de material.

O grande desafio reside no esforço de recompor a totalidade do ser humano. Certamente o caminho não é substituir uma coisa pela outra, seguindo o modelo ou/ou, que exclui e separa, mas sim recorrer ao e, que aproxima e funde as partes no todo. Assim, o segredo está em saber harmonizar razão e emoção, vida e trabalho, corpo e mente, espírito e matéria numa solidariedade orgânica. Mas isso é uma tarefa que não se ensina e não se aprende, depende da criatividade de cada um.

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 16 de junho de 2004.